

POLÍTICA E POÉTICA DA IRREVERÊNCIA OBSTINADA. EM TORNO DO *HOMEM SEM CONVICÇÕES* DE FERNAND DELIGNY

Marina Vidal-Naquet¹

Tradução de Marlon Miguel

Resumo

No fim dos anos 1960, Fernand Deligny e aqueles que o cercam se instalam nas Cevenas, onde criam uma rede de áreas de convivência para crianças autistas, e pensam juntos formas de uma vida em comum respeitosa do modo de ser específico autista. Deligny, escritor, preenche milhares de páginas e sua escrita é intrinsecamente ligada à pesquisa que se trama na Rede. A partir do texto *O homem sem convicções*, questionaremos a relação que Deligny estabelece com o seu leitor e a maneira como pensa a transmissão que acontece nesse canto das Cevenas. O trabalho da Rede se elabora conjuntamente em busca de um comum e o contato com crianças autistas vivendo fora da linguagem conduz Deligny a pensar um “humano de espécie”, fora das definições que o Homem deu a si mesmo, “sujeito consciente de ser” e dotado de palavra. Além disso, ele se recusa a ser considerado um autor portador de uma autoridade, de uma verdade, a quem se pediria que suas convicções fossem partilhadas. Trata-se ao contrário de dar lugar ao que resiste e escapa à linguagem, ao seu poder. Sua escrita se torna marca dessa busca, no coração mesmo da linguagem, que ele persegue obstinadamente em suas formas normativas e hegemônicas, para nos transmitir, não convicções, mas novas formas de dizer, poeticamente e politicamente, irreverentes em relação a essa linguagem que institui o homem.

Palavras-chave: Deligny, autor, linguagem, trabalho social, instituição, escrita, autismo, educação, cinema.

¹ Doutoranda em cinema na Universidade Paris Nanterre onde prepara uma tese intitulada: *À côté du cinema. Présence du cinema dans les écrits de Fernand Deligny.*

POLÍTICA E POÉTICA DA IRREVERÊNCIA OBSTINADA. EM TORNO DO HOMEM SEM CONVICÇÕES DE FERNAND DELIGNY

Marina Vidal-Naquet²

Tradução de Marlon Miguel

Todas as formas nas quais o pensamento de Fernand Deligny (1913-1996) se materializou e no interior das quais se construiu tomam sempre como ponto de partida sua experiência concreta junto a crianças e adolescentes desviantes, psicóticos, autistas, e a vontade de encontrar um espaço, um território, de tecer uma rede na qual uma forma de vida respeitosa com eles seja possível. No texto *Les détours de l'agir ou le moindre geste*, retomando Claude Lévi-Strauss, ele escreve :

Recebi uma carta ecoando uma entrevista com Claude Lévi-Strauss:
“[...] O respeito do homem pelo homem não pode encontrar seu fundamento em certas dignidades particulares que a humanidade atribui a si mesma, pois assim, uma fração da humanidade poderá sempre decidir que ela encarna essas dignidades de forma mais eminente do que outras. Seria necessário antes colocar uma humildade de princípio: o homem começando por respeitar todas as formas de vida diferentes da sua se protege do risco de não respeitar todas as formas de vida no âmbito da humanidade mesma”

O que é preciso ver, a partir de tal texto que me conforta [...] é o que, voltarei a esse tema, propõe Lévi-Strauss, que se trata de ‘respeitar todas as formas de vida’ e não A vida. Respeitar as formas, diz ele, mais adiante no mesmo texto³.

Os primeiros “combates”, pode-se assim dizer, de Deligny acontecem no asilo de Armentières, no início dos anos 1940, onde, enquanto professor de classes especiais e em seguida educador, aproveitando a desordem engendrada pela guerra, suprime as sanções e abre as portas da clausura da instituição, organizando com os vigias – operários desempregados da indústria têxtil, eletricitas, antigos detentos –, promovidos a educadores, ateliês, saídas, jogos esportivos. Em seguida, trabalha em diversas estruturas, não permanecendo nunca muito tempo nelas, visto que as liberdades tomadas não agradam a

² Doutoranda em cinema na Universidade Paris Nanterre onde prepara uma tese intitulada: *À côté du cinéma. Présence du cinéma dans les écrits de Fernand Deligny*.

³ DELIGNY, Fernand. *Œuvres*, édition établie par Sandra Alvarez de Toledo, éditions L'Arachnéen, Paris, 2007, pp. 1273-1274 [*Les détours de l'agir ou le moindre geste*, 1979]. A citação feita por Deligny é retirada da entrevista “Me acusaram constantemente de ser antihumanista”, publicada no Jornal Le Monde (21-22 de Janeiro de 1979, p. 14). http://www.lemonde.fr/disparitions/article/2009/11/04/1979-on-m-a-souvent-reproche-d-etre-antihumaniste_1262644_3382.html

Administração. Em 1948, participa da criação da *Grande Cordée*, “tentativa de acolhimento e ‘cura livre’ de adolescentes carateriais, delinquentes e psicóticos e que não pareciam apresentar melhoras através de uma ‘internação’ onde quer que seja, inclusive psiquiátrica”⁴. É dada então uma primeira passada ao largo da instituição que é, tratando-se de substituí-la por outros modos de acolhimento. Mais tarde, uma vez a *Grande Cordée* diluída, Deligny e aqueles que o cercavam são convidados por Jean Oury e Felix Guattari para a clínica de La Borde. É aqui que ele encontra Jean-Marie J., rebatizado Janmari, uma criança de uns dez anos cujo autismo e mutismo o fascinam. Confunde em 1967 em torno de Janmari, fora de toda e qualquer instituição, a *tentativa das Cevenas*: as crianças vivem em acampamentos, áreas de convivência distantes umas das outras, a alguns quilômetros, em torno das *presenças próximas*⁵, antigos operários, camponeses e pequenos produtores locais, ou outros não “profissionais”, e todos eles, nesse território múltiplo, se ocupam das tarefas da vida cotidiana. A organização desse *costumeiro*⁶ é feita no respeito à *necessidade de imutável* característica do autismo. Contra o asilo, instituição normativa e disciplinar, Deligny e os membros da Rede repensam um território de asilo, lugar de refúgio e de acolhimento. Não se trata nunca portanto de corrigir, de reeducar, de fazer tender a uma dada norma, mas bem antes de pensar *a partir* das crianças autistas em novas *formas*. No contato com elas, Deligny é conduzido a formular a questão de uma definição do humano fora da vida languageira, de um *humano comum* ou humano de espécie, longe da consciência de ser e da noção de sujeito, que permanecem no fundamento da imagem dominante que o homem faz de si mesmo. Para tentar escrever essa tentativa, Deligny preenche milhares de páginas. *O homem sem convicções* representa uma fração, ínfima talvez, mas na qual diversas questões essenciais afloram e que tentaremos aqui sublinhar alguns de seus aspectos.

Na leitura desse texto, como na de diversos outros textos de Deligny, me vejo enroscada por um duplo movimento: trata-se de uma alegria, provocada em especial pela poesia do texto, pela crítica irreverente e fundamental aí desenhada da sociedade, e, ao mesmo tempo, de certa perturbação: parecendo integrar no interior de seu texto a quase-interdição da retomada,

⁴ *Ibid.* p. 418 [« Le groupe et la demande: à propos de La Grande Cordée », 1967].

⁵ *Présence proche*, em francês. Nome dado por Deligny aos adultos vivendo com as crianças autistas, de modo a evitar o uso de palavras como “educador”, “terapeuta” ou “cuidador”. [Nota do tradutor]

⁶ *Coutumier*, em francês. Conceito criado por Deligny para falar da ordenação espacial e temporal da vida cotidiana na Rede e fundamental para acalmar as crises das crianças autistas. [NDT]

que direito tenho, que posso fazer desse texto e dessa alegria? Sou obrigada a tomar mil precauções, ou posso me inspirar livremente dele? Qual deve ser a “minha parte” ou a “parte dos outros”, invocada na conclusão do texto?

Ler um texto de Fernand Deligny é sempre fazer a experiência de uma confusão ambígua, entre prazer e contrariedade, entre exultação e retenção. Essa confusão é em primeiro lugar aquela da compreensão, da comunicação. O conteúdo, o sentido, não se deixa nunca ser totalmente apreendido, o texto se apresenta ao leitor ao mesmo tempo em que brinca com ele, brinca de despistá-lo, de *desnor-teá-lo*. A estranheza que o texto exala vem em grande parte dessa utilização poética da língua que desloca e parece embaralhar o sentido, em um lugar onde poderia se tratar a priori de transmitir ideias, de descrever uma experiência prática, teórica e política, o mais claramente possível por aquele que se deu a tarefa de torná-la conhecida. Mais precisamente, é importante lembrar aqui que *O homem sem convicções* é um texto escrito em 1980, encomendado por Isaac Joseph para o grupo de trabalho “Meios de cuidados e trabalho das circunstâncias” do Centro de Pesquisas sobre a Inadaptação (CRI) da Universidade de Lyon 2. Assim, a encomenda consistia em uma revisão, em uma exposição clara do que era a “tentativa das Cevenas”, e das tomadas de posição radicais de Deligny e daqueles que o cercavam no que concerne à questão da inadaptação e de seu tratamento. Pode-se imaginar que os membros desse grupo de trabalho, seduzidos pelo que se tramava em torno dessa tentativa, e preocupados em não a recuperarem muito apressadamente, esperassem de Deligny uma indicação de um caminho de retomada que lhe parecesse aceitável.

Como Deligny responde a essa demanda, a essa busca de partilha? À primeira vista, de modo relativamente seco, diríamos que com humor. Antes de tudo, ele ataca de maneira veemente aqueles que seguindo “os ventos em voga” deformam suas palavras comprometendo-o:

eis que eu, que tentara tomar certa distância, me vejo na vizinhança [...] de projetos virtuais de assistentes sociais com abstinência de outra coisa, com aqueles mesmos cujas convicções formuladas me parecem opostas ao que posso propor⁷.

O leitor que se arrisca em retomar Deligny, em utilizá-lo como referência foi prevenido. Deligny não suporta essa fixação, essa cristalização “morfemizada”

⁷ DELIGNY, Fernand. *O homem sem convicções*. Ao Largo, número 5, p. 7.

em torno do seu nome imposta pelos assistentes sociais e pelos intelectuais de todos os quadrantes. A seus leitores, e mais especificamente àqueles do grupo de trabalho, aponta por sinal que “contrariamente ao que se poderia acreditar”, ele não é um intelectual. Não é então do mesmo quadrante do que eles? A dúvida é possível, pois se esses intelectuais são sociólogos, psicólogos ou psiquiatras, eles pertencem ao corpo dos assistentes sociais⁸, que “formam um todo”, e “a esse todo, eu pertenceria então desde já e por obrigação”, escreve. Sem dúvida a frase não é uma afirmativa, mas não nega tampouco essa *solidariedade* com os assistentes sociais. Mais ainda, ela é alargada por uma outra *solidariedade* que a desloca: se Deligny é solidário dos assistentes sociais, o é também dos marginais, dos loucos, dos delinquentes, dos retardados, dos dissidentes... E acrescenta: “Todas essas solidariedades se entrecruzam em um ponto cujos dados não estão no âmbito da minha competência”⁹. Pois se Deligny é membro desses “todos”, não pode ser extraído deles, seu nome não pode ser o nome daquele que sabe, que indica, em qual lugar preciso, à margem e fora da instituição, devem se cruzar essas solidariedades. Deligny não distingue os outros, seu “nome, dentre outros, inumeráveis, uma entidade minúscula”¹⁰. Deligny não tem lições a dar, convicções a defender. Ao menos, isso não pode ser o objeto de uma transmissão que se refira à experiência da tentativa, pois ela própria se situa e se descobre aquém das convicções de cada um. Em um texto intitulado *Mécréer*, escrito em 1979, Deligny escreve:

Quer dizer que esse cada um que somos, iniciadores dessa outra tentativa, não temos nem intenções, nem convicções? Seria pretender que não temos consciência de ser. Nós a temos, com certeza. Nosso projeto não é partilhá-las, nem tampouco convencer. Não temos uma ideia do homem, uma verdade a propagar¹¹.

Se há transmissão, como o pensamos, ela não está do lado do saber estabelecido ou a ser estabelecido, da indicação ou da diretriz, mas alhures, e é talvez justamente lá onde apareça impedida, ao largo, na deriva e desviando no coração do texto que, no fundo, ela se torna mais sensível. Pois, vivendo em presença próxima de crianças autistas, as convicções se refratam, do mesmo modo que acontece com a realidade do sujeito consciente de ser, de um real, fora da linguagem, com o qual a rede se confronta. E, “o real não

⁸ Como se pode ler em *Lettres à un travailleur social*, Paris, L'Arachnéen, 2017 [1984], p. 23.

⁹ *Ibid.* p. 4.

¹⁰ *Ibid.* p. 3.

¹¹ *Mécréer*, 1979, inédito, Arquivos do IMEC, p. 5.

possui nem verdade, nem ética; o real não é a realidade”¹². Em *Singulière ethnique*, Deligny cria o termo *vériter*¹³ [“verdadizer”] para tentar nomear ou evocar uma maneira de dizer a Rede, os gestos e as atitudes das crianças autistas:

Verdadizer é dizer e de forma alguma a verdade, é dizer, eis tudo. [...] Mas é preciso dizer, mesmo que para não admitir a verdade do que se diz. [...] Se se trata de um conhecimento conforme ao real, o espelho é estilhaçado pelo fato de que esse real não é o mesmo para nós ou para as crianças autistas. E não somente o espelho é despedaçado, mas talvez mesmo que lhe faltem pedaços¹⁴.

Resta então “situar a verdade enquanto sendo consciência do que falta”¹⁵, visto que “do que poderia ser a sua verdade, nenhum dizer nos permitiria recolher os seus traços”¹⁶. Vê-se bem como toda tentação epistêmica é então aqui impossível e implica em um questionamento da possibilidade mesma de um saber, de um conhecimento definitivo das ou a partir das crianças autistas. O que deve então ser esvaziado no dizer, ao mesmo tempo em que as convicções e as intenções, é o *querer dizer* das palavras, que lhes empobrece fixando o seu sentido.

Onde se vê o que pode significar o verdadizer, que não se encontra tanto no sentido das palavras ou no que elas podem ou querem eventualmente dizer, mas sobretudo em suas ressonâncias e inadvertências de tom. E se afigura para mim que minha tarefa, aqui, ao longo dessa iniciativa comum, é esvaziar, tanto quanto for possível, o que, do querer dizer das palavras e de seu poder que é o próprio poder, pode ser esquivado¹⁷.

Se a própria tentativa se organiza fora do poder da instituição, de maneira não hierárquica, recusando a especialização, na busca de abrir um espaço para as crianças autistas onde o poder hegemônico e asfixiante da linguagem e o imperativo da norma possam ser esvaziados, então a escrita dessa tentativa

¹² *O homem sem convicções*, *op. cit.* p. 6.

¹³ Cf. CARDOSO PINTO MIGUEL, Marlon. *À la marge et hors-champ. L’humain dans la pensée de Deligny*, tese defendida 27 de fevereiro de 2016, na Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis (<http://www.theses.fr/2016PA080020>), para quem o *vériter* é “como uma maneira particular de escrever, de manejar a pluma e de documentar, através da escrita, as ações dos autistas” (p. 167). Aliás, “a escrita que desorganiza a estrutura é chamada por Deligny de *vériter* – contar os acontecimento vividos na Rede lançando-os em um plano literário entre a fabulação, a narrativa e a descrição” (p.187)

¹⁴ *Singulière ethnique* [1980], *Œuvres*, *op. cit.* p. 1439.

¹⁵ *Ibid.* p. 1418.

¹⁶ *Ibid.* p. 1440.

¹⁷ *Ibid.* p.1436.

deve igualmente assumir essa proscricção da norma e do poder. O que se passa na Rede, o estabelecimento de um *costumeiro*, os mapas traçados, os pães assados, as imagens filmadas e o uso que Deligny faz da escrita não são o antes e o depois representado de uma coisa que seria primeira, mas bem antes os elementos contíguos no tempo e no espaço de uma e mesma tentativa. Como traço, a escrita é solidária do que ela é marca.

Da mesma forma, nessa contiguidade com tudo o que funda e forma a tentativa, *deligny* não seria o nome de um autor, mas de uma rede, não sendo ele senão uma peça dentre outras da engrenagem. Deligny não vive nas áreas de convivência, não traça os mapas e as linhas de errância, não fabrica o pão, não filma. Deligny escreve a partir do que as *presenças próximas* lhe trazem. Sua escrita poderia assim aparecer como uma bricolagem dos diferentes pontos de vista que irrigam a Rede, o seu, o das *presenças próximas*, o dos pais das crianças autistas, como o que Deligny chama de o *ponto de ver* dos autistas; escrita *mosaica*¹⁸. Essa questão do *ponto de ver* e da multiplicidade dos pontos de vista, das inúmeras facetas caleidoscópicas de um mesmo acontecimento ocupava, aliás, frequentemente Deligny quando se tratava de cinema. Mesmo que seja difícil para nós não ver na escrita de Deligny o estilo particular de um autor, não podemos negar no entanto esse *comum* a partir do qual ela se faz.

A escrita é no coração da tentativa a *tarefa* de Deligny que, como vimos anteriormente, é uma tarefa dentre outras. Recusando que esse nome seja o seu, pertencendo-lhe em próprio, é também o que a noção de autor contém que é questionada por Deligny. O que Deligny nega do estatuto de autor é o seu vínculo com a autoridade, com o poder, com a verdade. Com efeito, como lembra Carlo Severi na introdução do seu texto *Autoridades sem autor. Formas da autoridade nas tradições orais*,

a ideia de autoridade, que se defina como um “direito de comandar, ou de influenciar outrem” [...] parece bem ser, em nossa tradição, intimamente ligada ao exercício da escrita. Como Jan Assmann mostrou, a autoridade e a memória das tradições da Antiguidade se constituíram a partir de um processo de canonização de um *corpus* de textos, cuja verdade, uma vez fixada por escrito, não é mais posta em dúvida. O exercício de toda autoridade (religiosa, jurídica, filosófica ou

¹⁸ Encontramos nos Arquivos do IMEC [Instituição Memórias da Edição Contemporânea] uma série de manuscritos inéditos, ligados ao cinema, intitulados *Étrange mosaïque* (1980).

literária) se encontra assim ligado à figura de um autor: sua autoridade depende dele¹⁹.

Abandonamos dessa forma a tradição homérica, fundada na oralidade, em prol da tradição platônica. “A canonização de um corpus de textos engendra o princípio de uma verdade reconhecida cujo autor se torna a *fonte*, real ou mítica”²⁰. É assim mais fácil compreender o que na posição de Deligny se opõe fundamentalmente à posição do autor.

Para se defender do que a escrita carrega de poder normativo e instituinte, de autoridade e de saber, Deligny deforma, transforma a língua escrita reintroduzindo nela as formas próprias da oralidade, tornando-se Aedo, trovador, menestrel²¹, contador²². Do mesmo modo, Deligny não é o único a poder assumir esse papel; em *Étrange mosaïque*, escreve: “O cineasta tem um instrumento, toca, menestrel. / Cantar o asilo, fazê-lo ver de tal modo que cada um se veja nele, reconheça, não é uma obra simples, pois ninguém espera por isso”. Assim, o contador conta histórias que não são propriamente suas. O contador tem como função transmitir uma memória coletiva, que não está imobilizada, que ele pode potencialmente transformar, modificando um pouco os contos ou os mitos integrando, em função dos contextos históricos ou regionais, por exemplo, fatos particulares da memória do grupo. As brincadeiras com os sons, as repetições, são também técnicas mnemônicas. No *Homem sem convicções*, Deligny opera, de certo modo, compondo e recompondo algumas fórmulas, se valendo de estruturas em paralelismo que respondem umas às outras ao longo do texto, as palavras escorregando ou saltando de um parágrafo ao outro, em uma retórica mnemônica não muito distante daquela característica de tantos mitos. O contador conta, repete e transforma, e fazendo-o, fabrica a sociedade, atualiza a sociedade ao mesmo tempo em que ela é contada. Deligny conta a Rede como se contasse uma epopeia, o mínimo gesto podendo se tornar acontecimento. Ele integra nessas narrativas diversos estratos de lembranças que, escapando de uma apresentação cronológica linear, coabitam em uma zona de vizinhança no

¹⁹ SEVERI, Carlo. « Autorités sans auteur. *Formes de l'autorité dans les traditions orales.* », in Antoine COMPAGNON (dir.), *De l'autorité. Colloque annuel du Collège de France*, Paris: Odile Jacob, 2008, pp. 93-94.

²⁰ *Ibid.* p.94

²¹ *Étrange mosaïque*, *op. cit.* p. 1. Do mesmo modo, em *Acheminement vers l'image* [1982], in *Œuvres*, *op. cit.* p. 1732: "Se o apanhador de imagens aceitou ser mágico – em vez de diretor – e se ele quiser ser trovador, é preciso ainda que não esqueça de ser refúgio".

²² Deligny, por sinal, escreveu contos, dentre os quais : *Les Enfants ont des oreilles* [1949] e *Contes du vieux soldat et de belle lurette* [1982] in *Œuvres*, *op. cit.*

tempo indistinto da narrativa. Se ele não cessa de escrever em torno das mesmas coisas, de *tagarelar*, essas repetições e deslizamentos no interior dos textos deslocam o objeto do escrito, e formam uma memória viva e poética da Rede, memória cadente. Contando incansavelmente sobre a Rede, Deligny a atualiza enquanto forma viva e inacabada, impedindo sua fixação.

Todo interesse dos textos de Deligny repousa, segundo suas próprias palavras, nas “torções do dizer”, que encontramos neles e que não possuem nada de imóvel.

Parece-me no entanto ter dito e precisado que não daria senão lascas que são torções do dizer e que não possuem de convincente senão a diferença de torção entre o que A GENTE diria e o que, conduzindo uma tentativa, dizíamos na semana passada e por enquanto²³.

A "diferença de torção", a distância, em relação à linguagem instituída que repousa na comunicação, é o lugar no qual se imprime realmente a tentativa, sua força crítica, poética e política. A crítica da sociedade moderna ocidental, do sujeito, do simbólico, da ideologia, da instituição, enunciada e agida pela pesquisa prática em que constitui a tentativa das Cevenas, se efetua igualmente no coração mesmo do texto e toma *forma* na língua que o texto fala. Deixando assim desabrochar novas *formas* de dizer, inabituais, Deligny se encarrega de *decepcionar* as expectativas do homem contemporâneo, de não preencher suas vontades e seus desejos, de não lhe dar esse espelho no qual ele poderia se olhar e se projetar, tal como se pensa. O “pequeno ponto no espaço” que é a tentativa não será “assumidor de miragens”.

Não é fácil decepcionar; toda obra cria miragens, cada um se mirando nela. Para o autor, a necessidade de assentimento parece ser levada ao cúmulo; é frequentemente verdade, salvo que não o é de forma alguma quando se trata de uma tentativa, isto é, de uma brecha, por onde o humano, que não é de nenhum modo o que o homem tem consciência, toma *formas*.

É reconhecer a importância das *formas* onde se trata de outra coisa diferente de partilhar intenções ou convicções²⁴.

Deligny e a Rede fazem a experiência, na vizinhança com crianças autistas, da existência de um outro *modo de ser*, um outro modo de pensamento, outras “formas de vida”. A distância da língua é assim essa brecha através da qual o

²³ *Lettres à un travailleur social, op. cit.* p. 23.

²⁴ *Mécréer, op. cit.*, p. 4.

humano pode aflorar. A linguagem do homem, *homem-que-nós-somos*, asfixia esse outro modo de ser, o maltrata, o molesta, perturbado por essa margem que lhe resiste. Janmari é chamado de “encefalopata profundo” porque eis que “o que o psiquiatra pode dizer dele/ que se esforça de dizer a verdade mais verdadeira/ do que acredita e do que sabe”²⁵.

O *homem-que-nós-somos*, através do uso que faz da linguagem, molda sua imagem, a ideia que se faz do que ele é. Se Deligny recusa, por exemplo, considerar que seu nome lhe é próprio, lhe pertence, é porque “essa maneira de falar me faz pensar nesse vizinho meio fanático falando da água de um pequeno canal: ‘É minha’”. Em um programa de rádio de 1980, falando também desse vizinho com essa febre de apropriação, ele acrescenta: “e se compreende bem a partir do que Janmari não pode mais viver”²⁶. Deligny se posiciona, sem descontinuar, em uma crítica do homem tal como definido pela teoria moderna e tal como ele continua a se pensar hoje no seio das diversas democracias liberais. O homem é antes de tudo um proprietário dele próprio e de seus bens, de sua força de trabalho, e a propriedade da terra aparece como um dos fundamentos dos direitos e liberdades individuais. Em *Les détours de l’agir ou le moindre geste*, escreve:

Seria preciso respeitar as formas de vida, os modos de existir onde adquirir – “tornar-se proprietário de um bem, de um direito”, “conseguir ter” –, deixe ao menos certa margem, certo campo ao que pode se dizer a natureza humana, da qual nada sabemos²⁷.

Além disso, lá onde o homem moderno busca substituir a crença em Deus pela crença no homem, em sua racionalidade, em sua capacidade de conhecimento e de ação, para Deligny “o homem em que se trata de acreditar é herdeiro direto daquele que se elaborou outrora quando acreditar em deus era unânime ou quase”. Assim, no espaço de uma tentativa, trata-se de *descriar*. No qual se encontram os termos *descrente* e *criar*²⁸. Trata-se de não acreditar nessa “ideia/imagem do homem que nos é dada”.

²⁵ Texto do filme *Ce gamin, là* [Esse garoto, aí], publicado em *Les cahiers de l’immuable*, n°2, dezembro de 1975, in *Œuvres*, *op. cit.* pp. 673-674.

²⁶ Programa de rádio do dia 17 de dezembro de 1980, *Radioscopie* de Jacques Chancel, France Inter.

²⁷ *Œuvres*, *op. cit.* p. 1298.,

²⁸ Deligny cria o infinitivo “mécréer”, que, como explica a autora, remete tanto a “descrente” (*mécréant*) quanto a criar (*créer*) e cujo prefixo “me” invoca um negativo. [NDT]

O espaço de uma tentativa é, para mim, o espaço de uma ruptura, não que eu mesmo tenha que romper com alguma crença qualquer, não tendo herdado o crer aí em algo, esse aí sendo sobrenatural. Trata-se de romper com essa imagem adquirida do homem, de mim mesmo, dos outros, mais do que adquirida, incorporada: quero falar dessa imagem inveterada onde se focalizam, se reiteram e se condensam as mil e uma maneiras com as quais o homem se pensou, se pensa [...] ²⁹.

Essa "imagem incorporada" "eclipsa o que poderia ser chamado o humano" ³⁰, o doméstico, e que está na origem de todas as nossas ideologias, sejam elas "suaves" ou "fanáticas". Se a "instituição enclausurada" ³¹ do *Homem sem convicções*, mãe das ideologias fanáticas, fechada sobre si mesmo, pode ser facilmente localizada, "frota de edifícios" estática, mesmo petrificada, ela não é, no entanto, menos "fecunda", poderíamos dizer, de todo um conjunto de "ideologias suaves" e carinhosas, bem mais discretas, mas que ao se nutrir dos ares do tempo não tardarão a se revelar também carregadas de convicções. Na sua época, a tentativa das Cevenas o foi, e é justamente isso que torna Deligny tão cauteloso. Jogando com o uso do sintagma "ponto de convicção", ele nos dá a entender, literalmente, isso contra o que devemos nos prevenir: esse pequeno *ponto de convicção*, que se acreditava ter descoberto na tentativa, levado até nós pelos "ventos em voga", o efeito da moda, e que se carregou com um "ismo" no meio do caminho. Mas nos enganamos, pois o que ele significava é a "ausência de convicção". Aquilo no que acreditávamos não era o que acreditávamos. E eis que caímos na armadilha do mar dos Sargaços, armadilha das ideologias dominantes, mar sem vento nem onda, extensão imóvel e mortífera. Basta ver do que se impregnou hoje o mar dos Sargaços para duplicar a imagem utilizada por Deligny: espiral de atração lenta, mas irresistível, que puxa para ela bilhões de restos plásticos vindos das costas europeias e americanas, formando um caldo cada vez mais grosso e que é chamada hoje de o "sétimo continente".

Aquém desse homem, que não cessa de buscar se distinguir, das outras espécies, dos outros homens, há então, para Deligny, esse humano de espécie, irredutível. Ele aparece em filigrana desde as primeiras linhas de *O homem sem convicções*, apanhado no tecido do sujeito se constituindo. Assim,

²⁹ Mécréer, *op. cit.*, p. 1-2

³⁰ *O homem sem convicções*, *op. cit.* p. 6.

³¹ *Institution enceinte*, em francês (cf. *Homem sem convicções*, *op. cit.* p. 5 e nota 11), onde Deligny brinca com o duplo sentido da palavra "enceinte": nesse contexto algo como "enclausurada", "fechada", "encerrada", mas que remete também ao sentido de "grávida", "fecunda".

“os pequeninos de nossa espécie” são domesticados “mesmo antes de abrirem os olhos” por esse nome que lhes é dado. A produção de uma identidade, de um sujeito não espera. E quando Deligny escreve “alguns não fazem senão carregá-lo”, o nome parece evocar um fardo que carregamos toda a vida. “Adquirido considerável”, acrescenta. Pode-se ver aqui ao mesmo tempo um traço de ironia evidente e também o eco sério dessa temática do adquirido e do inato, que integra aquela da substituição da memória adquirida, ou memória de educação, pela memória de espécie. O nome dado aparece então como a pedra fundadora do edifício monumental constituindo essa “imagem adquirida do homem” através da qual ela se produz.

Não falando senão do adquirido, o homem, se fazendo como é dito, se adquire, o homem sendo feito desse adquirido. Adquirir é se apropriar. E do que o homem se apropria é em primeiro lugar dele mesmo, como se ele fosse seu bem. Falando de si, ele se possui³².

Deligny fala aqui do nome como de um *vocábulo*: “palavra, termo considerado como portador de uma significação particular”, diz o dicionário. De saída então, ele se encontra aí para significar. Falamos também de “vocábulo” para designar o nome dado a uma igreja, em geral a partir do nome de um santo. Portanto, associado ao nome, é a trajetória vetorizada de um sujeito particular que se desenha, com a carga do destino, tomado em uma linhagem familiar, uma linha reta que “vem de longe”, de um “tempo passado”, e vai em direção a um porvir a ser construído e que cada um deveria esperar ser produtivo. O sujeito de uma democracia liberal deve supostamente desejar se distinguir, “se tornar conhecido”, “tornar-se um alguém”, “fazer um nome”, ter êxito. Dir-se-ia desse pequeno ser larvário e “nascido antes do prazo”, na linguagem corrente, antes “prematuro” do que “precoce”. Cada meio profissional possui seu próprio vocabulário. E não é um acaso se Deligny, se dirigindo aos assistentes sociais, desdobra discretamente todo um vocabulário ligado à infância e à evolução da criança, e que tradicionalmente se empregaria da seguinte forma: “a criança ‘precoce’ está adiantada, possui supostamente uma inteligência superior a da média; tem grandes chances de ‘se tornar alguém’; é geralmente importante que se desenvolva na criança o ‘sentimento de pertencimento’ a um grupo social, a um país, a uma nação para que ele seja ‘bem adequado’; tal educador está cansado das ‘extravagâncias’ de um tal garoto”... Todas essas expressões sendo deslocadas, nunca no lugar que lhes foi atribuído, se descarregam do que significam ordinariamente, expondo à luz do dia sua profunda derrisão. A

³² *Œuvres, op. cit.*, p. 1464 [*Singulière ethnologie*]

irreverência fundamental com a qual Deligny exhibe em relação ao uso das palavras tal como a língua cotidiana prevê, dá a ver, enviezadamente, a maneira segundo a qual ela maltrata os esquemas que impõe. A linhagem familiar, por exemplo, se dispersa muito rapidamente em diversos pontos, o possessivo desaparece para dar lugar aos “avós que não acabam mais”. Do mesmo modo, essa criança precoce, que deveria ter sido chamada de prematura, não possui mais nenhum caráter de excepcionalidade: “como todas as crianças, era extremamente precoce”. Assim, mais do que embaralhar o sentido, Deligny o persegue, o multiplica, destituindo a ordem estabelecida entre significado e significante.

Perante essa ordem dominada pelo homem, mas tornada irrisório, Deligny opõe, ao longo de todo o texto, uma outra ordem, desordem poética na qual o homem, descendido de seu pedestal, sua superioridade posta de lado, coabita com todos os outros tipos de entidades *animadas*, que nos jogos de metáforas e de comparações se contaminam e se disputam. Potros, cabras, balão dirigível e balão inflável, dirigível, porões e pontes da Frota, pequenas bandeiras, plâncton, estirpes, morfemas, sejam animais, vegetais, mecânicos ou sintáticos, minúsculos ou maiúsculos, todas essas entidades parecem ganhar vida na pluma de Deligny. O território percorrido é grande e aberto; temos as Cevenas, o pequeno canal, os céus, que suportam balões e dirigíveis, astros ou arco-íris e os mares. As ações de uns e de outros têm uma tonalidade tanto burlesca quanto épica. Expedições acabam mal, “os pequenos estandartes da partida festiva boiando lamentavelmente”, morfemas conduzidos à batalha, prontos para se matarem entre si, e projetos, canibais, se alimentam deles.

Dessa desordem poética e animada, Deligny – nome, autor e personagem – não sai ileso. Vimos, como para Deligny, o autor não se distingue dos outros. O redescobrimos recém-nascido, precoce, mas larvário, como todas as crianças; ao longo de sua vida, notoriedade minúscula “dentre outras, inumeráveis”; e eis que lhe deixamos, invadidos por “parasitas particularmente tenazes” que “proliferam”, evocando seu “direito” de “se coçar onde sente comichão”, embora “todos se lixem”. Se nosso autor é irreverente, parece bem que ele espera que também o sejamos em troca. “Se os ventos em voga sopram do Sul, é para o Norte que é preciso rumar, obstinadamente”. Ou ainda, como diz nesse programa de rádio de dezembro de 1980: “É bem preciso tentar sempre fazer o

contrário, e quando fazemos o contrário, nos surpreendemos”³³. Nada de convicções, portanto, mas surpresas que surgem em uma iniciativa obstinada.

Assim, o que Deligny nos transmite, através de seus ditos e escritos, é talvez algo como uma irreverência crítica e criadora em relação ao homem, o *homem-que-nós-somos*, a sociedade, a instituição e todas as formas de poder, de hierarquização, de organização. Ao se levar um pouco menos a sério, o ar se tornaria mais respirável para todos. Essa irreverência, se alivia bastante as sobrecargas, não deixa de ser no entanto uma posição menos exigente. Ela engaja uma abordagem teórica e política *obstinada* de modo que, perseguindo o homem e todas as formas normativas nas quais ele se dissimula, uma falha, mesmo que muito estreita, possa surgir.

³³ Programa de rádio do dia 17 de dezembro de 1980, *op. cit.*

BIBLIOGRAFIA

DELIGNY, Fernand. *Œuvres*. Édition établie par Sandra Alvarez de Toledo, Paris: L'Arachnéen, 2007.

_____. *L'Arachnéen et autres textes*. Paris: L'Arachnéen, 2008.

_____. *A comme Asile suivi Nous et l'innocent*. Paris: Dunod, 1999.

_____. *Lointain Prochain. Les deux mémoires*. Paris: Fario, 2012.

_____. *La septième face du dé*. Paris: L'Arachnéen.

_____. *Essi et copeaux*. Marseille: Le mot et le reste, 2005.

_____. *Cartes et lignes d'erre*. Paris: L'Arachnéen, 2013.

_____. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1, 2015.

DELIGNY, Fernand & VICTOR, Renaud. *Le cinéma de Fernand Deligny*, DVD : *Le Moindre geste* et deux films de Renaud Victor : *Ce gamin, là* et *À propos d'un film à faire*. Éditions Montparnasse, 2007.

ALVAREZ DE TOLEDO, Sandra. « Pédagogie poétique de Fernand Deligny », in *Communications*, n°71, éd. du Seuil, 2001.

MIGUEL, Marlon. *À la marge et hors-champ. L'humain dans la pensée de Deligny*, thèse soutenue le 27 février 2016, à l'Université Paris 8-Vincennes-Saint-Denis. <http://www.theses.fr/2016PA080020>

COELHO RESENDE, Noelle. *Do Asilo ao Asilo, as existências de Fernand Deligny : trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito*. Tese defendida dia 24 de agosto de 2016 na PUC do Rio de Janeiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Entretien avec Jean-Marie Benoist pour le journal *Le Monde*, 21-22 janvier 1979.

http://www.lemonde.fr/disparitions/article/2009/11/04/1979-on-m-a-souvent-reproche-d-etre-antihumaniste_1262644_3382.html

_____. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962.

LIN, Jacques. *La vie de radeau*. Marseille: Le mot et le reste, 2007.

SEVERI, Carlo. « Autorités sans auteur. *Formes de l'autorité dans les traditions orales*. », in Antoine COMPAGNON (dir.), *De l'autorité. Colloque annuel du Collège de France*. Paris: Odile Jacob, 2008.

Encontro Fernand Deligny, <http://www.jur.puc-rio.br/encontrodeligny/>